ISSN 2316-6576, DOI: 10.71101/RTP.v58.858

As armadilhas de Eros: do luto melancólico ao sofrimento psíquico na poesia de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade

*Rogério Ferreira de Souza**

Resumo

A proposta deste artigo é acompanhar e refletir, a partir de alguns conceitos da metapsicologia freudiana, o processo de adoecimento psíquico ao qual o sujeito é submetido, hipoteticamente, quando da perda do objeto amoroso. Para tanto, tem-se como apoio, um diálogo heurístico com a poesia de dois poetas maiores da literatura brasileira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade. Toma-se de empréstimo o método "dramático" conduzido por Roland Barthes (2003), em seu Fragmentos de um discurso amoroso, onde o discurso é devolvido ao Eu (personagens do poema) e tomado como enunciado de um ato hipotético. Ou seja, o método dramático atuaria, para efeito de análise dos poemas aqui em tela, como um operador de leitura no diálogo entre a literatura poética e os conceitos psicanalíticos. Para esta empreitada, além das obras de Freud, dos poemas "Os três mal-amados" e "Quadrilha", de João Cabral e Carlos Drummond, respectivamente, este trabalho conta ainda com autores que trazem como temáticas o luto, melancolia, narcisismo, sofrimento psíquico e literatura poética em suas obras.

Palavras-chave: Luto e Melancolia; Amor; Narcisismo, Literatura poética.

---

* Atua na Clínica Psicanalítica é Doutor em Ciências Sociais UERJ e Mestre em Memória Social – UNIRIO. Prof. Adjunto e Coord. Adjunto Do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política IUPERJ-UCAM. CBP-RJ - Círculo Brasileiro de Psicanálise seção Rio de Janeiro - Candidato com o percurso teórico concluído. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sandor Ferenczi.

The traps of Eros: from melancholic mourning to psychic suffering in the poetry of João Cabral de Melo Neto and Carlos Drummond de Andrade

Abstract

This proposal of this article is to follow and reflect, based on some concepts of Freudian metapsychology, preferably the first topic, the process of psychic illness that the subject may be, hypothetically, subjected to, upon the loss of their lovingly invested object. To this end, support is provided by a heuristic dialogue with the poetry of two greatest poets in Brazilian literature, João Cabral de Melo Neto and Carlos Drummond de Andrade. We borrow the "dramatic" method extended by Roland Barthes (2003), in his Fragments of a loving discourse, where the discourse is returned to the Self (characters of the poem) and made as an enunciation of an act, or better, as, hypothetically, free associations of the character. For this endeavor, in addition to the works of Freud, the poems "Os tres mal-amados" and "Quadrilha", by João Cabral and Carlo Drummond, respectively, this work also includes some authors whose themes include mourning, melancholy, narcissism, psychological suffering and poetic literature in his works.

Keywords: Mourning and Melancholy; Love; Narcissism, Poetic literature.

Las trampas de Eros: del duelo melancólico al sufrimiento psíquico en la poesía de João Cabral de Melo Neto y Carlos Drummond de Andrade

Resumen

El propósito de este artículo es seguir y reflexionar, a partir de algunos conceptos de la metapsicología freudiana, preferentemente el primer tema, el proceso de enfermedad psíquica al que se ve sometido el sujeto, hipotéticamente, cuando se pierde el objeto de amor. Para ello, se apoya en un diálogo heurístico con la poesía de dos grandes poetas de la literatura brasileña, João Cabral de Melo Neto y Carlos Drummond de Andrade. Tomamos prestado el método "dramático" conducido por Roland Barthes (2003), en sus Fragmentos de un discurso amoroso, donde el discurso es devuelto al Yo (personajes del poema) y tomado como enunciado de un acto y conducido así, como una forma de asociaciones libres. Para este empeño, además de las obras de Freud, los poemas "Os tres mal-amados" y "Quadrilha", de João Cabral y Carlo Drummond, respectivamente, esta obra también incluye algunos autores cuyos temas incluyen el duelo, la melancolía, el narcisismo, sufrimiento psíquico y literatura poética en sus obras.

Palabras clave: Luto y Melancolía; Amar; Narcisismo, Literatura poética.

1. Diálogos possíveis: a perda do amor, a poesia e a psicanálise

(...). Cantando amor, os poetas na
noite/Repensam a tarefa de pensar
o mundo. (Hilst, 2021, p. 105).

O amor acaba! Esse foi o título de uma crônica de Paulo Mendes Campos em maio de 1964, na então extinta revista Manchete. O cronista, apesar da escolha por um título, que a princípio, soaria desanimador aos leitores românticos e esperançosos, irá, contrariamente ao longo de sua crônica, apontar para um sentido dialético e não determinista da condição humana. Para Mendes Campos (2013), é preciso que se finde uma experiência para que uma outra possa surgir, "Qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para começar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba". (p.24). A alusão ao fim do amor, ou melhor, da experiência amorosa, trazida pelo cronista, sintoniza-se, *pari passo,* com os argumentos discutidos por Freud em um belíssimo ensaio de 1916, *A Transitoriedade* (1916/2020). Tudo é transitório, nos alerta Freud, sendo a perda do objeto amoroso uma situação indelével à condição humana. Exigir uma imortalidade das coisas, continua Freud, seria "tão somente um produto de nossos desejos que não podem reivindicar valor de realidade" (Freud, 1916/2020, p. 248).

Porém, no entanto, eis que o poeta adverte: "Amar ao perdido/ deixa confundido/ este coração. / Nada pode o olvido/ contra o sem sentido/ apelo do Não" (Drummond, 1993, p. 179-180). Ou seja, apesar da certeza racional entorno da transitoriedade, do fim das coisas, da perda contingente dos objetos investidos de amor, que permeiam a vida humana, não se elimina e nem faz de nós, seres indiferentes à dor e imunes aos traumas causados pelas perdas amorosas ao longo de nossas vidas. Pelo contrário, somos constituídos e atravessados por ela - a dor da perda-. Somos tocados e modificados. Uns mais outros menos; uns conscientemente outros inconscientemente; uns brevemente outros *Ad aeternum*. Para alguns, a dor do luto e o seu trabalho se fazem necessários ao processo de voltar à realidade; direcionando o seu amor (libido) para

outro objeto (Freud, 1917[1915] /2020). Para outros, no entanto, o estado melancólico e a depressão proveniente deste, conduzem o sujeito ao adoecimento psíquico; a uma circunstância de eterno retorno ao objeto um dia amado, mas perdido. Ou seja, a uma desilusão do ideal amoroso, a uma situação limite e às vezes, irreversível quanto à existência. Sintetizando, um "Eu em ruína" (Marraccini, 2021), como no trecho da canção, "Oh, pedaço de mim/Oh, metade afastada de mim/Leva o teu olhar/Que a Saudade é o pior tormento/ É pior do que o esquecimento/É pior do que se entrevar..." (Buarque, 1978).

Sendo assim, a partir desta perspectiva da subjetivação da dor psíquica, este artigo propõe discorrer sobre alguns conceitos da metapsicologia Freudiana, principalmente as circunscritas à primeira tópica, em relação ao processo de adoecimento psíquico do sujeito em decorrência da perda do seu objeto super investido de amor, ou, como sugere Freud, "da conduta psíquica no enamoramento" (Freud, 1917/2021, p. 551). Para tanto, tem-se como apoio, um diálogo heurístico com a poesia de dois poetas maiores da literatura brasileira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade. Toma-se de empréstimo o método "dramático" conduzido por Roland Barthes (2003), em seu *Fragmentos de um discurso amoroso*, onde o discurso é devolvido ao Eu (personagens do poema) e tomado como enunciado de um ato. Para esta empreitada, além das obras de Freud, dos poemas "Os três mal-amados" e "Quadrilha", de João Cabral e Carlo Drummond, respectivamente, este trabalho conta ainda com autores que trazem em suas obras as temáticas do luto, melancolia, narcisismo, sofrimento psíquicos e literatura poética.

O diálogo aqui proposto entre literatura poética e psicanálise tem o intuito de transpassar o enunciado ficcional e adentrar nas questões meramente humanas no que tange ao trauma decorrente da experiência da perda e da não concretização do amor objetal, vivido pelo personagem Joaquim. Do ficcional poético ao analítico conceitual, podem vir a emergir – esta é a intenção- questões sobre os processos de subjetivação e elaboração do sofrimento psíquico a partir da perda do objeto de amor. E aqui se justifica o método dramático "(...) que renuncia aos exemplos e repousa unicamente na ação de uma linguagem primeira. (...) devolvendo a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o eu". (Barthes,

2003, p. 17). Em outros termos, a palavra enuncia, subjetivamente, o amor e a dor do sujeito que fala de si. Assim, tem-se o lugar do eu que fala de si mesmo, amorosamente e dolorosamente, em detrimento do outro (objeto amado), que segundo Barthes (Idem), não fala, está numa condição de presença-ausência. "Todo episódio de linguagem que acena a ausência do objeto amado – sejam quais forem a sua causa e sua duração- e tende a transformar em ausência em provação do abandono" (Idem, p.35). Isto posto, a escolha do método acima, se dá pela proximidade, hipotética, de um dos pilares do método psicanalítico, qual seja, a livre associação através da fala do analisando.

Antes de dar prosseguimento à história de amor e do desamor trazidos nos poemas supracitados e descrever como a "sombra do objeto caiu sobre o Eu" (Freud, 1917[1915] /2020, p.181), cabe inferir certas considerações, sucintas, em torno da ideia de escolha de objeto e a sua perda no pensamento freudiano. Questão capital, que segundo Diana S. Rabinovich (2009), fez parte do percurso teórico de Freud desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895], Capítulo VII da *A Intepretação dos Sonhos* (1900), passando pelos *Os três ensaios sobre a Sexualidade* (1901[1905]), *As pulsões e seus destinos* (1915), *Introdução ao Narcisismo* (1914), *Luto e Melancolia* (1917 [1915]), até *Além do Princípio do Prazer* (1920), e culminando na instauração da segunda tópica em *O Eu e o Id (1923)*. Este percurso teórico teve como premissa inicial uma discussão entorno do objeto e a ideia de que o peito materno é o objeto primeiro da experiência de satisfação, portanto, o objeto perdido do desejo. Seria, então, um momento mítico, por assim dizer, da busca pela "percepção primeira (...) um primeiro encontro entre o sujeito e o objeto de 'satisfação' (Rabinovich, 2009, p. 13).

Jacques Lacan ([1956-1957/2020), dedicará um dos seus *Seminários* para discutir a relação de objeto e a importância que a obra freudiana e, posteriormente, as escolas psicanalíticas, dedicaram-se a investigar. Ao seu retorno a Freud, Lacan (Idem), sustentou que o objeto perdido é, ele mesmo, um objeto reencontrado, resultado de uma experiencia primeira de satisfação do "primeiro desmame, o objeto que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança" (Idem, p. 13). Lacan acrescenta que é por conta da busca por essa satisfação primeira

"passada e ultrapassada" que o novo objeto será procurado. Mas como se trata de um objeto perdido, funda-se a repetição em busca desse objeto "mítico" "(...) a repetição sempre procurada, mas nunca satisfeita" (Idem, p. 14). Destarte, nesse percurso teórico traçado por Freud, sobre a concepção de objeto na psicanálise, juntamente com a relação da escolha de objeto e a meta da pulsão, outros postulados foram sendo acrescidos em torno dessa concepção, por exemplos, a ideia de desejo, satisfação, necessidade, amor e fantasia.

A construção desses postulados e suas formulações, exigiram de Freud, (posteriormente dos seus seguidores) uma árdua reflexão, principalmente no que tange à relação entre a perda do objeto e a pulsão libidinal, em outras palavras, da perda do objeto investido afetivamente pelo amor. Essa reflexão viria a ser discutida com mais complexidade após a ideia de narcisismo primário e secundário, em *Introdução ao Narcisismo*, com seu aprofundamento em *Luto e Melancolia*. Freud, ao longo desse percurso, buscou sistematizar uma espécie de circuito entre os princípios regentes da pulsão - princípio do prazer-desprazer e princípio de realidade (*em As pulsões e seus instintos*) – e - o princípio de nirvana (com a segunda tópica em o *Eu e o Id)* -, com a proposta da pulsão de morte. Assim sendo, para efeito deste artigo, o que será explorado será a ideia de perda do objeto e suas implicações para com o sujeito, partindo, inicialmente da primeira tópica, em especial a obra *Luto e Melancolia*[1],mas recorrendo aos estatutos conceituais da segunda tópica, em sentido teórico, quando necessários, e a literatura poética como material empírico.

Para tanto, busca-se pensar o estado melancólico como um adoecimento psíquicos, partindo de um afeto dito universal, nos termos de Freud (1917 [1915]), o luto. Pare este, o luto é um afeto que está ligado à perda de alguém ou a algo muito amado. Assim sendo, todo sujeito, em algum momento, esteve enlutado. Freud em *Luto e Melancolia*, traz o luto como ponto de partida para compreender a melancolia como um estado psíquico mais complexo e enigmático. Segundo Sandra Elder (2022), Freud ao longo de sua obra utiliza tanto o termo depressão como "a expressão estados depressivos", classificando a melancolia como o mais grave entre eles (Elder, Idem, p. 20).

Assim sendo, em termos freudiano, a perda do objeto amado pode, em alguns casos, conduzir o sujeito ao adoecimento psíquico da

melancolia, ou seja, um estágio de tristeza mais grave e extrema (Idem, p. 21), cujo a manifestação mais visível é a tristeza e o desapego à vida. Christian Dunker (2023), ao analisar a obra freudiana sobre o luto, afirma que Freud tomou a perda de um ente querido como um modelo para se pensar outros tipos de perda objetais. Assim sendo, prossegue Dunker (Idem, pp. 18-19), o luto existe sempre quando houver uma relação amorosa que se desfaz. Há, portanto, o *luto do ser*, circunscrito à morte objetiva de um ente querido ou de uma pessoa amada; e o *luto do estar*, este ligado às relações próprias da vida como "(...) pelo fim da infância, pelo fim de um romance" (Idem, Ibidem), ou ainda, pelo fim de um ideal, de uma fantasia.

A escolha da literatura poética como material empírico, assim como, o método dramático de Barthes (2003), se justificam pela proximidade com a estética ensaística empregada por Freud em seus inúmeros ensaios. (Chaves, 2015). A estética literária freudiana não se limitou ao criador da psicanálise, foi continuada por um variado grupo de autores psicanalíticos em trabalhos posteriores. Assim sendo, ambos, a literatura poética e o método dramático, não se distanciam e nem se contradizem à escrita psicanalítica, pelo contrário, contribuem e ampliam o universo crítico e conceitual dos textos e estudos em psicanálise. Ainda mais se tratando do sentimento de amor e as relações entorno dele. Estas, são trazidas neste artigo, por um lado, numa relação simbiótica e textualizada entre poesia e drama. Por outro lado, numa ambivalência do processo do par psíquico amor-ódio em sua relação com os circuitos prazer-desprazer e princípio de realidade.

> (...) A poesia lírica permite, sobretudo, desafogar sensações muito intensas e diferenciadas (...), mas o drama desce às profundezas das possibilidades afetivas, às expectativas de infelicidade que ainda dão forma ao gozo que mostra o herói vencido. (Freud, 1942[1905-06] /2021, p. 46)

Além da citação acima, Freud, em inúmeras situações, ao longo de sua obra, demonstrou um grande interesse pelos personagens fictícios da poesia, da literatura ou do teatro, como também, um grande interesse pelas criações artísticas e pelos seus criadores: artistas, pintores, escritores e poetas (Chaves, 2015). Desde sua fundação, através do seu fundador, a escrita psicanalítica vem se alimentando da produção cultural em sua

diversidade, como fontes inesgotáveis de experiências da vida anímica, da subjetividade dos sujeitos modernos em seus processos, moral e cultural. Por exemplo, Freud em um ensaio de 1913, denominado *O motivo da escolha dos cofrinhos*, toma como ponto de partida, duas cenas ficcionais da obra shakespeariana, "Duas cenas de Shakespeare, uma alegre e uma trágica, deram-me a oportunidade, há pouco tempo, de colocar um pequeno problema e resolvê-lo" (Freud, 1913/2021, p. 167). As cenas trazidas como mote por Freud vão se desdobrar, ao longo do seu ensaio, em reflexões entre os mitos e contos de fadas em relação às questões meramente humanas, como a morte, o fantasiar, as relações paternas entre outras.

Para Freud (1908/2021), o poeta é o criador de temas tocantes à alma humana, ao íntimo do ser. Àquele que nos comove e nos traz inúmeras emoções. O poeta, com a sua escrita, sua linguagem (...) reduz a distância entre o que é singular e a essência humana em geral (Idem, p. 53). Permitindo, através da escrita poética, de sua gramática e estética, uma aproximação, mesmo que ficcional, dos sentimentos íntimos do ser, sejam eles prazerosos ou doloridos. Ou, como bem salientou Adauto Novaes (2005), em seu ensaio sobre "Poetas que pensam o mundo", "(...) poesia e pensamento são formas de interrogar o mundo, uma espécie de "ciência" das coisas e do homem no mundo" (Novaes, 2005, p. 09). A poesia, assim como a psicanálise, são formas "de invenção, de experiências sensíveis por intermédio do movimento, do entendimento e da relação entre as palavras" (Idem, Ibidem). Os poetas e os artistas, suas artes e criações, antes mesmo da construção da psicanálise, já se utilizavam da "matéria psíquica", oriundas das "camadas mais profundas de si" (Krüger, 2023, p. 24). Buscavam, em suas criações, a imensidão do ser humano, na dialética própria da vida, oscilando entre prazer e desprazer, entre o amor e o ódio, entre o acalanto e o abandono. Como também, entre o belo e o abominável, entre o suportável e o insuportável.

Neste artigo, Joaquim é o nome que corresponde, tanto ao personagem de João Cabral como em Drummond. Em ambos, é possível perceber uma interação dialógica do caráter afetivo dos dois personagens em tela. Eles são portadores, em alguma medida, de uma angústia premente e dolorida. Como também, figuram o amor, a paixão e o desejo. Nos dois poemas, esses personagens vivem e comunicam ao leitor, os prazeres e as dores

do mundo. Ou seja, a singularidade desses dois personagens, de nome idêntico, expressa também uma generalidade, algo em comum em todos nós – amor, amado-desamor- Todos nós amamos e desamamos, somos amados e desamados. Não é sem sentido que Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920), uniu em uma mesma categoria pulsional, as pulsões sexuais e as de autoconservação, denominando-as de Eros, o deus do Amor.

O processo de adoecimento psíquico que o sujeito passa em detrimento da perda do seu objeto super investido foi levado a cabo por Freud em um dos seus textos de metapsicologia *Luto e Melancolia*, escrito em 1915, mas publicado somente dois anos após, em 1917. Nesse, Freud parte de um afeto dito normal, o luto, para entender "a natureza da melancolia" (Freud, 1917[1915]/2020, p. 171). Tendo o luto como enigma, Freud articula a melancolia e as alternâncias vinculadas ao trauma da perda do objeto amoroso. Segundo Luciano Bregalatti (2023), Freud estabelece como ponto de apoio às suas teses "(...) a perda de objeto, expressão consagrada em psicanálise" (Idem, p. 29). Para o autor em questão, Freud combinaria uma tradição teórica sobre perda e sofrimento humano a sua inovação, qual seja, de um "objeto dotado de especificidade psíquica inconsciente" (Idem, ibidem).

Não obstante, Freud, em suas formulações de *Luto e Melancolia*, em alguma medida, se distanciou de uma tradição artística e filosófica sobre o sentido dado à melancolia, que desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até o Romantismo, era tomada como "loucura genial, junção entre a bílis negra e a tristeza face ao bem supremo inalcançável, decorrente do desejo sem objeto atingível" (Bregalanti, 2023, p. 33). Esse mesmo modelo foi utilizado em outros textos freudianos, por exemplo, o *Complemento Metapsicológico À Teoria do Sonhos* (Freud, 1917[1915]/2020), onde um fenômeno normal, o sonho, é usado para explicar o processo de distúrbios psíquico da neurose narcísica. Em síntese, do normal ao psicopatológico. No nosso caso, do poético ao psíquico.

Assim, a história que traz o drama amoroso vivido pelo personagem Joaquim, comum nos dois poemas, estará em diálogo com os termos e conceitos psicanalíticos da seguinte forma: os dois poemas - *Os três mal-amados* e *Quadrilha* - serão trazidos separadamente, em forma de fragmentos, mas que no decorrer do texto buscar-se-á uma articulação

explicativa da história do personagem. Se, no primeiro poema, de João Cabral de Melo Neto, apenas os fragmentos relativos ao personagem Joaquim serão utilizados, no segundo poema, de Carlos Drummond de Andrade, outros personagens virão em tela, complementando a trama e o drama psíquicos de Joaquim. Já os conceitos da metapsicologia e da teoria psicanalítica transitarão entre um fragmento e outro, entre um trecho poético e outro, como suportes analíticos e explicativos para a temática do adoecimento psíquico a partir da perda do objeto amoroso.

2 A dor de Joaquim: o amor, narcisismo e adoecimento psíquico.

> O sujeito se imagina falando do ser amado com uma pessoa rival, e essa imagem nele desenvolve, estranhamente, um encanto de cumplicidade. (Barthes, 2003, p. 79).

O personagem Joaquim, que está presente nos dois poemas, é escolhido, como se verá mais adiante, pelo desfecho dado, a ele, nos poemas. A intensidade de sua dor, sua magnitude, tanto afetiva quanto psíquica, é fulcral para o propósito deste trabalho. Sobre os poemas em questão, tem-se primeiro *Quadrilha*, publicado por Carlos Drummond de Andrade em 1930, no livro "Alguma Poesia" e depois, reeditado em 1993, em uma "Antologia Poética", com vários poemas do autor ao longo de sua vida. Em *Quadrilha*, poema em forma de prosa e narrado em terceira pessoa, traz como enredo poético o desenrolar de seis personagens, que diante do amor, se veem desencontrados, em ideias, desejos, fantasias e destinos. Todos amam, mas o amor não é correspondido, "*João amava Teresa que amava Raimundo /que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili/"* (Andrade, [1930]1993, p. 146).

Já o poema *Os três mal-amados*, de João Cabral de Melo Neto, foi publicado, primeiramente, em 1943, e depois, incluído no livro "O cão sem plumas", em 2007. O poema em estilo concreto e metafórico, utiliza como base de inspiração o poema de Drummond, mas limitando-se a história dos personagens masculinos: João, Raimundo e Joaquim. *Os três*

mal-amados, busca dar, através da imaginação poética de João Cabral, intensidade subjetiva a cada um dos três personagens. O poema está na primeira pessoa, ou seja, é o eu dos personagens que fala, que sente e que sofre e desta forma, fazendo jus ao método dramático apresentado anteriormente. Se em *Quadrilha*, o poeta deixa para o leitor imaginar a complexidade do desamor, em *Os três mal-amados*, o leitor é tomado pelo drama íntimo - narrado em primeira pessoa -, sobre a perda do amor e suas consequências, seu enlutamento, em que cada um dos três personagens experimenta, no caso deste trabalho, Joaquim.

Em relação ao luto, cabe um pequeno adendo. Barthes (2011), após a morte de sua mãe, em 25 de outubro de 1977, dedica-se à escrita de um "diário de luto", sem um propósito literário imediato ou futuro. O escritor pensa apenas registrar em fichas sentimentos, pensamentos e lembranças que o assombram e o confortam[2]. A escrita empreendida por Barthes pode ser pensada como um mecanismo sublimatório, a fim de amenizar o luto, a perda de uma pessoa tão amada. Medir o luto e aferir a intensidade da perda talvez tenham sido questões pertinentes a Freud quando da elaboração dos ensaios sobre *Luto e Melancolia* e a *Transitoriedade*, no entanto, o que marcou, tanto em um como no outro, foram questões referentes às vicissitudes, ambivalências e contingências em relação à perda do objeto de amor. O que foi perdido? Perde-se o objeto, ou perde-se o Eu? Perde-se uma coisa ou perde-se uma ideia que se tem sobre essa coisa? Como o sujeito reage frente à prova de realidade na qual impõe a transitoriedade dos objetos do mundo? Como os poemas aqui trazidos nos permite pensar o luto e o sofrimento psíquico? E, como Joaquim vivenciou isso?

1º Fragmento:

> *(Joaquim)*
>
> *O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato. /O amor comeu minha certidão de idade, minha genealogia, meu endereço. /O amor comeu meus cartões de visita. /O amor veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera meu nome.*

Neste primeiro fragmento do poema *Os três mal-amados,* João Cabral de Melo Neto apresenta Joaquim, um sujeito angustiado pelo amor, ou como sugere o título do poema, o amor como um mal. A experiência amorosa que Joaquim nos conta é algo da ordem do destrutivo, da fragmentação do sujeito a partir de um sentimento – o amor- O amor é tomado como sujeito-objeto, pois é o amor que come e devora a ideia que Joaquim tem de si mesmo, de sua identidade, de seu rosto, de sua idade, sua história familiar assim como o seu próprio eu. Mas quem ama é o Joaquim, ele é o sujeito do enunciado, aquele que atua, que narra a sua experiência. É o amor que Joaquim sente, que se volta contra ele como algo opressor, devorador. Freud (Freud, [1914]/2020), argumenta que "(...) é preciso distinguir se os investimentos amorosos estão em sintonia com o Eu ou se, ao contrário, experimentaram uma repressão" (Idem, p. 47).

O enunciado deste primeiro fragmento do poema narra que Joaquim e o seu amor, encontram um entrave entre o seu investimento libidinoso e o objeto ao qual é dirigido esse investimento. De tal modo, pode-se pensar, hipoteticamente, como chave de leitura entre o texto literário e a teoria freudiana, que a relação prazer-desprazer se faz evidente, pois a narrativa de Joaquim, faz supor que houve um movimento (deslocamento) de libido na direção de um objeto. No entanto, esse mesmo investimento se volta (retorna), do objeto desejado ao sujeito que ama. Inundando-o de sua própria pulsão libidinal. Ou seja, nas palavras de Freud, houve uma "repressão", que levou a uma "inversão (de uma pulsão) em seu contrário" (Laplanche e Pontalis, 2022, p. 253). Contrariamente, se houvesse uma reciprocidade do amor de Joaquim frente ao seu objeto, haveria um "(...) transbordar da libido do Eu para o objeto" (Freud, [1914]/2020, p. 49).

2º Fragmento:

> *(Joaquim)*
>
> *O amor comeu minhas roupas, meus lenços, minhas camisas. / O amor comeu metros e metros de gravatas. / O amor comeu a medida de meus ternos, o número de meus sapatos, o tamanho de meus chapéus. / O amor comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos.*

> *O amor comeu meus remédios, minhas receitas médicas, minhas dietas./ Comeu minhas aspirinas, minhas ondas-curtas, meus raios-X. / Comeu meus testes mentais, meus exames de urina.*

Nesse outro fragmento, Joaquim continua a sua sina dramática onde o amor, -o seu amor-, é tomado como um "ser" canibalesco, devorando não só mais o seu interior, a sua ideia de sujeito e identidade, mas também coisas concretas e ordinárias, como ternos, sapatos, gravatas, chapéus, deixando a entender que Joaquim não se preocupa mais com a sua aparência frente ao mundo externo. Não interessa mais a Joaquim como os outros, o mundo externo, o veja. Joaquim vai, a cada momento, se esvaecendo, diminuindo-se, perdendo o peso, a cor dos olhos e de seus cabelos. Sua vaidade, seu amor-próprio se esvai, "(...) o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. Ele se empobrece em favor desses investimentos" (Freud, [1914]/2020, p. 48). Joaquim também enuncia um abandono da sua saúde física e mental, deixando revelar algo mais complexo do que o trabalho de luto. O que se percebe, hipoteticamente, é desvelar de um processo patológico atrelado ao estado melancólico. desenrolar de um processo de luto para um luto patológico, ou melancólico.

Em *Luto e Melancolia*, tanto o estado de luto quanto o de melancólico, ambos são tomados pelo mesmo princípio causador, qual seja, ambos, são reações que o sujeito tem diante da perda do ser amado, do objeto amoroso, ou, como destaca Freud, de uma abstração, que venha a ocupar, idealmente, um lugar de amor na vida do sujeito, como um sentimento de liberdade ou amor à pátria (Freud, 1971[1915]/2020, p. 172). Freud parte de um paralelo entre um afeto, tido como universal, o luto. Pois, afinal, todos nós, de alguma maneira, "em algum momento da vida, estivemos enlutados" para se chegar à melancolia, "muito mais complexa e enigmática (Edler, 2022, p. 20). Portanto, o que difere em ambos – luto e melancolia -, é a relação do sujeito com o dentro e o fora, ou seja, do mundo interno e do mundo externo, resumindo, nas palavras de André Green (2022), "(...) Freud em *Luto e Melancolia*, que assinala o contraste entre uma forte fixação no objeto e um baixo investimento" (Idem, p. 116),

3º Fragmento

> *(Joaquim)*
>
> *O amor comeu na estante todos os meus livros de poesia. / Comeu em meus livros de prosa as citações em verso / Comeu no dicionário as palavras que poderiam se juntar em versos.*
>
> *Faminto, o amor devorou os utensílios de meu uso: pente, navalha, escovas, tesouras de unhas, canivete. /Faminto ainda, o amor devorou o uso de meus utensílios: meus banhos frios, a ópera cantada no banheiro, o aquecedor de água de fogo morto, mas que parecia uma usina.*
>
> *O amor comeu as frutas postas sobre a mesa. / Bebeu a água dos copos e das quartinhas. /Comeu o pão de propósito escondido. Bebeu as lágrimas dos olhos que, ninguém o sabia, estavam cheios de água.*

No luto, o empobrecimento, o vazio, o sentimento de desamor, se dirige ao mundo exterior, para as outras pessoas, para a vida ordinária e o cotidiano. Tudo ao redor do enlutado perde o brilho, a cor, e muitas vezes, o sentido. O que se percebe neste terceiro fragmento é que a casa, a vida ordinária de Joaquim, o dia a dia, contado através dos utensílios domésticos vão sendo devorados e destruídos por esse sentimento de amor. A libido é fixada ao objeto amoroso e tudo o mais, pertencente ao mundo externo, mesmo estando muito próximo do sujeito, perde sentido, perde existência e significância.

Voltando à *Quadrilha*, "*João amava Teresa que amava Raimundo /que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili/ que não amava ninguém*" (Andrade, [1930]1993, p. 146). Esta última frase, suprimida na sua primeira citação, "*que não amava ninguém*" apresenta o drama vivido por Joaquim, que amava Lili, mas esta não amava ninguém. Mesmo tendo o amor de Maria, Joaquim investe o seu amor à Lili, ignora um outro objeto, e, mesmo e apesar da recusa, não desloca a sua libido. Pode-se pensar, que a partir dessa rejeição, um processo de afetação narcísica se desencadeia na subjetividade de Joaquim, resultando numa falência de sua autoestima (...) o narcisismo é afetado, resultando num sentimento de insuficiência, de fracasso, de depreciação, e sobretudo, de perda da

esperança" (Green, 2022, p. 115). Há também um curto-circuito entre prazer-desprazer quando em contato com o princípio de realidade, quando Joaquim, que ama Lili, mas a mesma, não o corresponde. O que antes é um prazer em encontrar (imaginar e idealizar), o seu objeto de amor, torna-se desprazer, pelo retorno desse investimento ao próprio Eu[3].

Há outro ponto a ser destacado da fala de Joaquim, "*Bebeu as lágrimas dos olhos que, ninguém o sabia, estavam cheios de água*" Ninguém sabia ou compartilhava de sua dor. Do seu amor não correspondido. Em hipótese, Joaquim traz uma personalidade melancólica, de um certo isolamento do mundo e do que está à sua volta. estava só e disfarça o seu desespero, pois ninguém vira lágrimas em seus olhos. "A melancolia se caracteriza, em termos psíquico, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior (Freud, 1917[1915]/2020, p. 172).

4º Fragmento

> *(Joaquim)*
>
> *O amor voltou para comer os papéis onde irrefletidamente eu tornara a escrever meu nome.*
>
> *O amor roeu minha infância, de dedos sujos de tinta, cabelo caindo nos olhos, botinas nunca engraxadas. /O amor roeu o menino esquivo, sempre nos cantos, e que riscava os livros, mordia o lápis, andava na rua chutando pedras. / Roeu as conversas, junto à bomba de gasolina do largo, com os primos que tudo sabiam sobre passarinhos, sobre uma mulher, sobre marcas de automóvel.*
>
> *O amor comeu meu Estado e minha cidade. / Drenou a água morta dos mangues, aboliu a maré. / Comeu os mangues crespos e de folhas duras, comeu o verde ácido das plantas de cana cobrindo os morros regulares, cortados pelas barreiras vermelhas, pelo trenzinho preto, pelas chaminés. / Comeu o cheiro de cana cortada e o cheiro de maresia. / Comeu até essas coisas de* que eu desesperava por não saber falar delas em verso.

Neste quarto fragmento do poema, tem-se, inicialmente, a ideia de que Joaquim busca retomar a sua identidade, ao seu ser, mesmo que inconscientemente, "*onde irrefletidamente eu tornara a escrever meu nome*". Uma tentativa narcísica de ressurgir frente a dor do amor que,

ambivalentemente, o consumia. Joaquim se vê, ciente da perda ou da impossibilidade da relação amorosa, e procura voltar para sim mesmo, a fim de fazer o trabalho de luto. Se o objeto de amor não existe mais, pela recusa ou pelo desconhecimento, nesse momento, a sua perda é consciente, mas esta certeza não lhe traz refúgio ou aconchego. Por isso, há um processo de inibição libidinal em relação ao mundo externo. O sujeito se volta para ele mesmo, mas uma volta, no caso de Joaquim, destruidora, devoradora, como metaforicamente posto no poema. Há no caso de Joaquim uma impossibilidade do trabalho de luto, dito de outra maneira, o seu luto é mais árduo e intenso, patológico por assim dizer. (Freud, 1917[1915]/2020, pp. 1182-183).

O que se vê neste quarto fragmento, que novamente, a volta do sentimento amoroso, do amor canibalesco, se volta para as lembranças de um passado de Joaquim como uma espécie de metáfora poética, uma alusão a um passado lembrado. O personagem traz consigo as lembranças de sua infância, sua terra natal, sua mocidade e as lembranças familiares, a fim de sugá-lo, mastigá-lo. E assim, diante da impossibilidade do amor, do objeto amoroso em sua vida adulta, o personagem, em seu sofrimento, se volta para dentro de si, de suas lembranças e vivência como algo que passa a perder sentido. Freud descreveu esse processo no comportamento da melancolia, da seguinte forma:

> (...) O investimento objetal demonstrou-se pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial, como um objeto, o objeto abandonado. (Freud, 1971[1915]/2020, pp. 180-181)

Talvez esteja neste ponto, hipoteticamente, a falha psíquica do personagem Joaquim. Uma falha afetiva que se arrasta desde a tenra infância. Metaforicamente, seu amor adulto se volta para o passado, buscando a satisfação oral primeira da criança que suga o peito materno. Mas algo se deu nesse percurso e perseguiu Joaquim em sua vida adulta. No entanto, não cabe a este trabalho adentrar em especulações clínica e nosológica; fugiria ao objeto demarcado.

5º Fragmento.

> *(Joaquim)*
>
> *O amor comeu até os dias ainda não anunciados nas folhinhas. /Comeu os minutos de adiantamento de meu relógio, os anos que as linhas de minha mão asseguravam. /Comeu o futuro grande atleta, o futuro grande poeta. Comeu as futuras viagens em volta da terra, as futuras estantes em volta da sala.*
>
> *O amor comeu minha paz e minha guerra. /Meu dia e minha noite. /Meu inverno e meu verão. /Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte".*

Neste último e derradeiro fragmento, o amor de Joaquim, em seu percurso de incorporação canibalesca, volta a devorá-lo. No entanto, se antes sua dor, seu sofrimento voltaram-se contra o presente e o passado do personagem, a fim de destruí-lo, o fragmento acima, o amor destrutivo, agora se vê desesperançoso. Sua fome se dirige ao pôr vir. O que ainda estaria no horizonte de possibilidades existencial em Joaquim, é também devorado pela dor de amar. Uma dor tão intensa que elimina da vida do sujeito a projeção de uma vida futura. Corta-se as esperanças, os sonhos e os desejos. Como anuncia o próprio Joaquim "*Comeu o futuro grande atleta, o futuro grande poeta. / Comeu as futuras viagens em volta da terra, as futuras estantes em volta da sala*.". É neste fragmento que o sentimento depressivo se expressa com mais nitidez, no qual o sujeito envolto ao sofrimento que o devora dia e noite, não vê saída. Para Joaquim o futuro não é projetável. Não há nem mesmo espaço para a "dor de cabeça" O amor, este sentimento ambivalente, entre o amar e odiar, imprime ao personagem um conteúdo sadomasoquista. Joaquim em seu automartírio, cessa do seu horizonte a possibilidade de outros sonhos, de outros desejos.

> (...) o investimento amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo do conflito. Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio. (Freud, 1971[1915]/2020, pp. 184-185).

Confirmando com Freud, Pierre Fédida (2003), buscou uma relação do mito do canibal com o estado depressivo vivido pelo melancólico,

afirmando que "(...) a angústia melancólica é canibal" (p. 67). Para o autor, o sentimento de angústia que a dor que a perda traz e sua incorporação pelo sujeito, não é, nas palavras do autor (...) de forma alguma o ato simbólico da resolução da perda. Ela é a satisfação imaginária da angústia alimentando-se do objeto perdido. (Idem, ibidem). Nesse sentido, a partir do momento que a angústia canibalesca do amor de Joaquim consome suas esperanças e os seus ideais o seu sentimento narcísico é afetado, o que resultará numa incapacidade de viver, diante de um sentimento de fracasso e "(...) perda da esperança de que a situação se modifique" (Green, 2022, p. 115). Não é sem sentido, que na estrofe do poema, Joaquim, declara, sem titubear, uma espécie de sentença. *"O amor comeu minha paz e minha guerra. /Meu dia e minha noite. /Meu inverno e meu verão. /Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte".*

3 À guisa de conclusão: a expressividade poética em uma carta de suicídio

Para os que conhecem o poema de Drummond, *Quadrilha*, sabe, de antemão, do destino que é traçado pelo poeta para Joaquim. Assim como, o desfecho de toda a trama complexa dos amores e desamores dos personagens que compõem a história do poema. Como neste artigo optou-se pelo efeito da dramaticidade, traz-se, somente para o final, à guisa de conclusão, o desfecho trágico do sujeito frente à dor dá preda, que neste caso, muito mais do que uma perda, uma incompletude do desejo de amar e ser amado. Para melhor visualização do drama, segue-se o poema completo.

> *João amava Teresa que amava Raimundo /que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili/que não amava ninguém.*
>
> *João foi pra os Estados Unidos, /Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, / Maria ficou para tia,/ Joaquim suicidou-se e / Lili se casou com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história.*

Apesar de todos os destinos infelizes e das impossibilidades relacionais em torno do amor, nas quais os personagens foram submetidos, é possível tomar o destino dado ao personagem Joaquim como uma chave interpretativa relacionando tensões entre investimento amoroso, agressividade, perda e

destrutividade como desdobramentos afetivos da perda do amor idealizado. O amor é, ambivalentemente, um sentimento muito intenso em Joaquim em razão da sua impossibilidade. O efeito dessa impossibilidade amorosa e idealizada impediu de alguma forma, hipoteticamente, o deslocamento libidinal para um outro objeto, uma não sublimação. Pode-se pensar, para efeito de análise, que o investimento amoroso despendido pelo personagem o leva ao limite da razão, ao desapego e a indiferença em relação à vida. Antes fosse o ódio, pois haveria, em hipótese, a possível esperança do amor de Joaquim ora direcionado à Lili, fosse deslocado para Maria, aquela que o amava, mas que ficou para tia. No entanto, o sentimento que se prosperou no drama do personagem Joaquim foi a indiferença, confirmando a máxima de Freud em *As Pulsões e seus destinos* (1915/2013), na qual o contrário do amor não é o ódio, mas sim, a indiferença ou desinteresse. Em Joaquim, foi possível ver, ao final do poema *Os três mal-amados*, o sentimento de indiferença em relação ao seu próprio eu. Instala-se em Joaquim um desinteresse pela vida, pelas coisas exteriores que o rodeiam, pela sua história, seu passado, como também, o seu futuro.

Green (2022), sustenta que, tanto o suicídio como os pensamentos que o evocam, podem ser resultado não do desejo em dar término ao presente de si mesmo, mas, ao futuro que se avizinha, como algo ainda pior. É a insuportabilidade de ter que viver com a permanente ausência do amor, imaginado e idealizado, fazendo da passagem ao ato "(...)alivia os tormentos da vida, o sentimento de não ser amado e de nunca poder ser" (Idem, p. 116). O princípio de realidade frusta o princípio de prazer, devolvendo ao Eu toda uma carga pulsional em forma de desprazer. Amar e não ser amado levou Joaquim, hipoteticamente, a um estado depressivamente melancólico, ruindo suas forças, esperanças e sonhos. Mitigando o seu investimento narcísico do Eu, sua autoestima. Na ânsia de amar, amar com todas as suas forças, mas não ser correspondido, o amor voltou-se contra Joaquim. Provavelmente esse amor, já estivesse perdido alhures, desde antes de Lili. O que Joaquim buscava e não encontrava, já estava perdido, dentro dele.

Não se objetiva um julgamento moral frente ao destino do personagem, mas tão somente, uma discrição, através da ficcionalidade poética, da dor psíquica causada pela perda idealizada e fantasiada

sobre o amor objetal. Como argumenta Barthes "(...) O amante seria inocente como o são os heróis de Sade. Infelizmente, seu sofrimento é normalmente aguilhoado por seu duplo, o Eros" (Barthes, 2003, p. 97). Assim, e já finalizando este texto, ao escrever sobre Joaquim, João Cabral de Melo Neto, apresenta, num *a posteriori*, uma poesia que figura concretamente, as dores e o processo de mitigação do sujeito em decorrência da perda do objeto de amor projetado e idealizado. Ou como já salientado alhures, por Dunker, (2023), tratou-se de um *luto do estar,* diferentemente do *luto do ser*. A desventura amorosa da personagem levou-o à condição de estado melancólico e depressivo. O poema, *Os três mal-amados* é, em seu fragmento sobre Joaquim, uma carta suicida. Ao escrever, hipoteticamente, essa a carta de suicido, como metáfora interpretativa, dando densidade subjetiva a vida de Joaquim, o poeta nos entrega também a magnitude de Eros transfigurado na sua outra face, Tânatos; apontando para a imensa complexidade que há entre os princípios prazer-desprazer e princípio de realidade, que por vezes, é subestimado frente as eventuais armadilhas do amor.

Referências

Andrade, C. D. (1998). *Antologia poética*. Record.

Barthes, R. (2003). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Martins Fontes.

Barthes, R. (2011). *Diário de luto*. Martins Fontes.

Bartucci, G. (Org.). (2001). *Psicanálise, arte e estética de subjetivação*. Imago.

Bartucci, G. (Org.). (2001). *Psicanálise, literatura e estética de subjetivação*. Imago.

Bregalanti, L. (2023). *Luto e trauma: Testemunhar a perda, sonhar a morte*. Blucher.

Campos, P. M. (2013). *O amor acaba: Crônicas líricas existenciais*. Companhia das Letras.

Chaves, E. (2015). O paradigma estético de Freud. In *Arte, literatura e os artistas* (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7). Autêntica.

Dunker, C. I. L. (2023). *Lutos finitos e infinitos*. Paidós.

Edler, S. (2022). Luto e melancolia: À sombra do espetáculo. In N. Saroldi (Org.), *Para ler Freud*. Civilização Brasileira.

Fédida, P. (2003). *Depressão*. Escuta.

Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos. In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Edição bilíngue, pp. 15-63). Autêntica. (Obra original publicada em 1915)

Freud, S. (2015). Neurose, psicose, perversão. In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Autêntica.

Freud, S. (2015). O motivo da escolha dos cofrinhos. In *Arte, literatura e os artistas* (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7, pp. 167-181). Autêntica. (Obra original publicada em 1913)

Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In *Arte, literatura e os artistas* (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7, pp. 53-64). Autêntica. (Obra original publicada em 1908)

Freud, S. (2015). Personagens psicopáticos no palco. In *Arte, literatura e os artistas* (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7, pp. 45-51). Autêntica. (Texto escrito entre 1905-1906 e publicado em 1942)

Freud, S. (2020). A transitoriedade. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Obras completas, Vol. 12, pp. 247-252). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1916)

Freud, S. (2020). Complementos metapsicológicos à teoria dos sonhos. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Obras completas, Vol. 12, pp. 151-169). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917)

Freud, S. (2020). Introdução ao narcisismo. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Obras completas, Vol. 12, pp. 13-50). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)

Freud, S. (2020). Luto e melancolia. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Obras completas, Vol. 12, pp. 170-194). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917)

Green, A. (2022). *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* Blucher.

Hilst, H. (2018). *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Companhia das Letras.

Holanda, C. B. (1978). *Pedaço de mim* [Canção gravada por Polygram/ Philips].

Krüger, L. (2017). A poesia, a escuta e o uso da palavra na clínica psicanalítica. In L. Krüger, L. Refosco, & S. da Silva (Orgs.), *Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte*. Arte & Ecos.

Lacan, J. (2021). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1956-1957)

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2022). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.

Marraccini, E. M. (2021). *O eu em ruína*. Blucher.

Melo Neto, J. C. (2007). Os três mal-amados. In *O cão sem plumas*. Objetiva. (Obra original publicada em 1943)

Novaes, A. (Org.). (2005). *Poetas que pensaram o mundo*. Companhia das Letras.

Rabinovich, D. S. (2009). *O conceito de objeto na teoria psicanalítica*. Companhia das Letras.

Notas

[1] Evidentemente, *Luto e Melancolia* é o texto base para este artigo, mas isso não impede a utilização de textos e outros autores, que trabalham temas concomitantes, ao longo da escrita.

[2] Essas fichas foram organizadas, posteriormente a morte de Roland Barthes, em 1980, por Nathalie Léger em formato que deu origem ao livro e publicado em 2009.

[3] Em *Introdução ao Narcisismo*, Freud estabelece dois tipos de escolha de objeto. O primeiro sendo o anaclítico – a criança escolhe o seu objeto sexual a partir do modelo que tem introjetado dos pais, ou dos seus cuidadores. Já o segundo, é o narcísico, onde a escolha do objeto está relacionada a um ideal e imagem que tem de si mesmo. (Edler, 2022, pp. 32-33).

Submetido em: 02/01/2024
Revisado em: 31/07/2026
Aceito em: 22/09/2026